CCDR LVT
Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

abril | 2025

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, o mês apresentou-se instável em termos de temperaturas, principalmente nas máximas. Alguns dias apresentaram temperaturas baixas para a época, embora maioritariamente tenham sido registados valores dentro do normal a elevados. A temperatura máxima registada no mês foi superior ao normal para a época (+ 9,3ºC) e a mínima foi inferior (-1,8ºC), de acordo com os registos da estação de Alcobaça. A segunda e a quarta semana do mês foram os períodos mais quentes. Ao longo do mês observaram-se nas três estações oscilações significativas das temperaturas máximas diárias. Verificaram-se ainda alguns dias com amplitudes térmicas diárias significativas, tendo sido no dia 27 que ocorreram as amplitudes máximas, de 20,7ºC na estação de Alcobaça, 16,2ºC na estação de Santa Cruz/Aeródromo e 17,2ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

Predominaram os dias com muita nebulosidade, mas a partir do dia 21 o céu apresentou-se pouco nublado ou limpo.

A precipitação ocorrida foi elevada. Na estação de Alcobaça foram registados valores acumulados acima do normal para a época (+ 47,4mm). Até ao dia 22 choveu praticamente todos os dias, em geral na forma de aguaceiros e de períodos de chuva, por vezes fortes e acompanhados por trovoada e queda de granizo. Os períodos de maior precipitação, com registo de valores diários significativos, ocorreram na primeira e na terceira semana do mês. Entre os dias 22 a 29 houve ausência de precipitação.

Foi reduzido o número de dias com formação de neblina ou nevoeiro matinal.

O mês foi ventoso, embora com ventos menos intensos do que no mês anterior. Foram registadas rajadas superiores a 40km/h, dez dias na estação de Alcobaça, onze dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e treze dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

A humidade média relativa do ar foi elevada ao longo do mês.

O número de horas de frio ocorridas no mês foi reduzido, tendo contribuído pouco para a evolução do valor acumulado desde outubro.

A ausência de precipitação no período de 22 a 29, associada a uma subida das temperaturas máximas e algum vento, permitiu uma diminuição dos níveis de água no solo a partir do dia 27. Em 30 de abril, ainda era dominante na região o índice de capacidade de campo, CC (>99). No entanto, encontravam-se no índice CC [81, 99] pequenas áreas nos concelhos de Caldas da Rainha, do Cadaval e de Arruda dos Vinhos, áreas significativas dos concelhos de Óbidos, Bombarral e Alenquer e a totalidade do concelho de Peniche. Encontrava-se ainda no índice CC [61, 80] uma área significativa do concelho da Lourinhã.

Foi muito elevada a disponibilidade de água no solo e para o abeberamento das espécies pecuárias. Não houve necessidade de rega nas culturas de ar livre. No final do mês, as reservas de água superficiais mantinham volumes de armazenamento semelhantes aos do mês anterior e acima do normal para a época.

O estado do tempo condicionou fortemente a agricultura ao longo de todo o mês, designadamente a realização de sementeiras/plantações e colheitas, adubações e tratamentos fitossanitários.

A permanência de excesso de água no solo e a precipitação frequente até ao dia 21, dificultaram ou impediram a realização de uma boa parte dos trabalhos agrícolas, que foram retomados com maior intensidade apenas no final do mês devido à ausência de precipitação durante alguns dias consecutivos, permitindo reduzir os níveis de água no solo e a circulação de máquinas agrícolas nos terrenos.

A precipitação frequente e o elevado nível de água nos solos não permitiram a realização de grande parte das colheitas de forragem para alimentação das espécies pecuárias estabuladas e a forte precipitação no dia 30, acompanhada de granizo, provocou acama nas culturas forrageiras no Alto Oeste. Mantiveram-se os problemas de asfixia radicular nas culturas de cereais praganosos de outono-inverno, que prejudicaram o desenvolvimento das plantas e causaram perda de produção nos terrenos mais encharcados, situação verificada principalmente na cultura do trigo. Nestas culturas também se manteve a presença de doenças provocadas por fungos devido às condições de humidade e temperatura. A queda de granizo provocou alguns prejuízos, não muito expressivos na cultura da vinha devido ao estado fenológico das videiras, tendo afetado principalmente as folhas, o que será provavelmente colmatado com o desenvolvimento da vegetação. Os prejuízos revelaram-se mais significativos nos pomares, com perda de produção devido ao estado fenológico de floração ou de frutos vingados. Na cultura da batata, a precipitação e as condições do terreno, dificultaram fortemente a realização de novas sementeiras, pelo que no final do mês a área instalada tinha evoluído pouco face ao mês anterior. Foram realizadas algumas sementeiras, essencialmente nos primeiros e nos últimos dias do mês. O excesso de humidade no solo provocou muita podridão na batata, causando falhas na germinação com consequente perda de produção. Também provocou asfixia radicular, diminuindo o desenvolvimento vegetativo e a capacidade produtiva das plantas. As condições de humidade e de temperatura foram favoráveis ao desenvolvimento de míldio. As condições do tempo e do terreno atrasaram a instalação das culturas de primavera, as quais, na generalidade, se encontravam por iniciar no final do mês, quando habitualmente são iniciadas em março. Nas hortícolas em estufa, a falta de luminosidade, devido aos dias terem decorrido muito nebulosos, influenciou o crescimento vegetativo, estiolando as plantas. Contudo, foram iniciadas as colheitas.

No **Médio Tejo**, o mês caracterizou-se ainda como muito chuvoso e frio. As amplitudes térmicas diárias apresentaram ainda alguma variabilidade ao longo do mês, com valores médios de 12ºC e de 12,9ºC, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega. A maior amplitude térmica diária foi de 20,3ºC registada no dia 28 na estação de Tomar/Vale Donas e de 20,9ºC, registada no dia 24 na estação de Alvega.

Na estação meteorológica de Alvega a temperatura máxima mais elevada verificou-se um pouco superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa verificou-se muito inferior à normal para a época.

Verificaram-se ainda horas de frio em ambas as estações meteorológicas essencialmente em meados do mês, contribuindo para o aumento do número de horas de frio acumuladas relativamente ao mês anterior.

Os dias decorreram maioritariamente com céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade e alguma formação de neblina ou nevoeiro matinal. Apenas na última semana do mês se verificaram dias com pouca nebulosidade e céu limpo. No que respeita ao vento, esteve essencialmente entre fraco a moderado e alguns dias entre moderado a forte, soprando com mais intensidade na estação de Alvega.

O mês foi bastante chuvoso, verificando-se um número de dias com precipitação aproximadamente semelhante ao mês anterior. A precipitação foi

frequente ao longo do mês com exceção da última semana em que a mesma abrandou, retomando no último dia do mês com bastante intensidade. Relativamente à precipitação normal para a época a precipitação acumulada no mês (mm) foi muito superior e traduziu-se num acréscimo de 186%.

Em ambas as estações meteorológicas a humidade relativa média do mês manteve-se muito aproximada à do mês anterior.

O teor de água no solo na generalidade dos concelhos da região, no final do mês, situava-se maioritariamente no índice CC [81, 99] com a zona norte da região ainda situada à capacidade de campo, no índice CC (>99), essencialmente nos concelhos de Ferreira do Zêzere, Sardoal e Tomar, assim como, uma mancha localizada a poente do concelho de Mação. Verificaram-se também manchas situadas nos índices CC [61, 80] e CC [41, 60] nos concelhos de Ourém, Abrantes, Torres Novas e Entroncamento. O concelho de Vila Nova da Barquinha situa-se na totalidade com um teor de água no solo situado no índice CC [41, 60].

No final do mês havia elevada disponibilidade de água no solo, verificando-se uma ligeira redução comparativamente ao mês anterior.

Quanto à influência do tempo nas culturas, no geral a elevada precipitação provocou um grande atraso nas sementeiras das culturas de primavera-verão. As sementeiras de milho encontravam-se na região praticamente paradas, com os solos muito encharcados e impossibilidade de entrada das máquinas agrícolas no campo. No que respeita à batata para indústria, as chuvas frequentes continuaram a dificultar a instalação da cultura no decorrer do mês. Relativamente à cultura de ervilha de inverno, encontrava-se a cultura em algumas zonas da região com a colheita atrasada pelas chuvas ocorridas no final do mês, estimando-se que a mesma se possa realizar nas primeiras semanas de maio, logo que as condições climatéricas o permitirem. No que respeita às culturas cerealíferas de outono-inverno, estas decorreram ao longo do mês com um desenvolvimento regular. No entanto, consideraram-se perdas de cultura em parte das searas localizadas em solos com níveis de encharcamento elevados e a permanência de chuva ao longo do mês impediu a recuperação das plantas. Relativamente às culturas forrageiras, em especial a luzerna, as chuvas têm atrasado a oportunidade de realização do primeiro corte para forragem verde e dificultado a avaliação da sua qualidade forrageira. É ainda de salientar que a cultura se perdeu na totalidade em zonas mais baixas, com os solos permanentemente encharcados ao longo do mês. Relativamente às figueiras, em especial na variedade Lampa Preta, o efeito do arrefecimento noturno e geada provocou a queda de muitos frutos. No que respeita às nogueiras, encontravam-se muitos pomares com atraso no seu desenvolvimento vegetativo principalmente motivado também pelo arrefecimento noturno ainda ocorrido neste mês. Nos pomares de limão, as condições climatéricas ocorridas neste mês e no anterior, em especial as chuvas frequentes e intensas e vento mais forte condicionaram muito a colheita, que se concluiu ao longo deste mês, com um atraso significativo. As mesmas condições climatéricas tiveram um impacto negativo muito significativo na produção desta cultura, com perda de rendimento (queda de frutos) e de qualidade. Nas vinhas para uva de mesa, as chuvas persistentes têm mantido os solos húmidos e por essa razão verificou-se o surgimento de forma pontual de doenças fúngicas, em especial de míldio. Os produtores receiam que com a subida da temperatura se possa vir a intensificar a doença ou o surgimento de novas doenças. Nas vinhas para vinho, as condições climatéricas na região afetaram a realização das práticas culturais de forma normal, em especial das podas na época recomendada. Nos pessegueiros, as chuvas frequentes ao longo do mês impediram a realização dos tratamentos em tempo útil e por conseguinte verificou-se a intensificação da doença da lepra. A floração foi bastante afetada pelas chuvas ocorridas, com a queda de muitas flores.

Nos olivais as condições climatéricas não tiveram um impacto significativo na cultura.

Na **Lezíria do Tejo**, a temperatura máxima mais elevada foi superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi inferior à normal para a época.

Na região o vento foi em geral forte.

O teor de água no solo nos concelhos de Alpiarça, Cartaxo, Rio Maior e Santarém manteve-se à capacidade de campo, índice CC (>99). Os concelhos de Almeirim e Golegã situavam-se no índice CC [81, 99] e os concelhos de Azambuja e Chamusca no índice CC [61, 80].

Ao longo do mês verificou-se uma boa disponibilidade de água no solo, não havendo necessidade de regar e não se registando faltas de água para o abeberamento dos animais.

No que diz respeito à influência do estado do tempo na agricultura, nos citrinos, nomeadamente nas laranjas, continuava a notar-se que as árvores estavam ligeiramente amareladas devido à ocorrência de fortes chuvadas que se verificaram em algumas zonas. Também devido à precipitação ocorrida, as sementeiras e plantações das culturas de primavera encontravam-se com fortes atrasos, pela impossibilidade de entrada de máquinas nos terrenos.

No **Baixo Sorraia**, a temperatura máxima mais elevada foi superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi inferior à normal para a época.

Na região o vento foi em geral forte.

No final do mês o teor de água no solo no concelho de Benavente manteve-se à capacidade de campo, índice CC (>99) e os concelhos de Coruche e Salvaterra de Magos situavam-se no índice CC [81, 99].

Não se verificou ao longo do mês carência de água no solo, considerando-se suficiente para o abeberamento de animais.

Tal como na Lezíria do Tejo, nos pomares de laranjeiras, notou-se que as árvores estavam ligeiramente amareladas devido à ocorrência de fortes chuvadas. Pela mesma razão, as sementeiras e plantações das culturas de primavera estavam com fortes atrasos, pela impossibilidade de entrada de máquinas nos terrenos.

Na **Grande Lisboa**, assinalaram-se grandes oscilações de temperatura ao longo do mês. A temperatura máxima mais elevada foi superior à temperatura máxima normal para a época cerca de 142% e a temperatura mínima mais baixa foi inferior à normal para a época 77%.

Não se registaram horas de frio na região da Grande Lisboa.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por céu geralmente muito nublado com ocorrência de períodos de chuva e aguaceiros, à exceção do período entre os dias 22 e 29.

No que respeita ao vento, este esteve fraco a moderado (até 30 km/h), soprando por vezes forte (até 40 km/h) e com rajadas até aproximadamente 60 km/h, em especial junto ao Cabo Raso.

O mês foi muito chuvoso, tendo sido, no entanto, registados menos três dias com precipitação comparativamente ao mês anterior, traduzindo-se num aumento da precipitação acumulada em cerca de 198% do valor normal para a época.

Na estação meteorológica de Lisboa/Gago Coutinho a humidade relativa média do mês foi superior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, nos concelhos de Mafra e Loures registaram-se níveis de saturação à capacidade de campo, índice CC (>99) e, nos restantes concelhos da região, níveis de saturação no índice CC [81, 99].

As reservas de água superficiais apresentavam-se com níveis muito acima do normal para a época, não havendo necessidade de regar e não se registando faltas de água para o abeberamento das espécies pecuárias.

O mês foi excessivamente chuvoso o que fez com que o corte de forrageiras fosse comprometido por os solos estarem muito encharcados, impossibilitando a entrada e o trabalho de máquinas agrícolas. No entanto, as temperaturas elevadas favoreceram o seu crescimento. Alguns cereais foram afetados por fungos e por apodrecimento radicular devido ao excesso de humidade. A adubação e a aplicação de herbicidas e fungicidas nas culturas em geral foram difíceis de realizar, tendo sido necessário recorrer a *drones* e a máquinas mais leves, adaptadas a operar em terrenos encharcados. O excesso de humidade associado às temperaturas elevadas foi propício ao surgimento dos primeiros focos de míldio, sobretudo nas videiras. Houve registo de queda de granizo na zona de Mafra, que provocou estragos nas pomóideas não só nas flores (nos pomares mais atrasados) mas também nos frutos recém vingados (nos pomares mais adiantados). Esta ocorrência climatérica inviabilizou a futura comercialização dos frutos e, nas flores, originou uma diminuição da produtividade dos pomares, pois as que foram afetadas perderam a sua capacidade de vingar. Os limoeiros também foram prejudicados pela precipitação e humidade elevadas, propícias ao surgimento de doenças. As culturas de primavera-verão estavam extremamente atrasadas, dado o elevado teor de água no solo que impossibilitou a preparação dos terrenos, sem oportunidade de proceder às plantações de tomate para indústria e melão, assim como às sementeiras de milho e arroz.

Na **Península de Setúbal**, o mês decorreu quente. Caracterizou-se por temperaturas máximas frequentemente acima do normal para a época e com oscilações ao longo desse período, mais significativas na segunda semana e no final do mês. As temperaturas mínimas também registaram oscilações ao longo do mês, frequentemente acima do normal para a época e sem ocorrência de temperaturas negativas. A maior amplitude térmica diária foi de 18,9ºC, registada no dia 28 na estação de Setúbal.

As horas de frio acumuladas nas estações meteorológicas de Setúbal e Pegões foram verificadas essencialmente em meados do mês e não contribuíram significativamente para o aumento do número de horas de frio relativamente ao mês anterior. À semelhança do verificado em março, atingiram valores superiores relativamente ao registado no ano transato.

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado, verificando-se a ocorrência de trovoada em meados do mês. Foram poucos os dias com céu pouco nublado ou limpo, que ocorreram entre os dias 7 a 9 e 23 a 28.

O vento soprou em geral fraco a moderado, por vezes moderado a forte, com maior intensidade nos dias 4, 14 e 19.

O mês decorreu muito chuvoso na região, ocorrendo precipitação com regularidade, à exceção do período compreendido entre os dias 22 e 29. Na estação de Setúbal, o valor da precipitação acumulada no mês corresponde a 164% do valor normal para a época.

No final do mês as reservas de superfície continuavam a apresentar muita quantidade de água. A infiltração de água em profundidade que se tem verificado, propiciou o aprovisionamento de água nos solos.

O teor de água no solo diminuiu em praticamente toda a região relativamente ao mês anterior. No final do mês apenas a região sul do concelho de Palmela e a região norte do concelho de Setúbal permaneciam com o teor de água no solo à capacidade de campo, índice CC (>99). A maior parte da região atingiu o índice CC [81, 99], baixando para o índice CC [61, 80] nas áreas dos concelhos do Montijo, Palmela, Moita, Setúbal e Sesimbra. Em comparação com igual período do ano passado, o teor de água no solo era então inferior na generalidade da região.

Não se verificaram situações de escassez de água para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, de salientar que a precipitação acumulada nos solos desde janeiro provocou encharcamentos, condicionando alguns trabalhos, nomeadamente a intervenção de máquinas e equipamentos necessários aos trabalhos agrícolas, a nível de fertilizações e tratamentos fitossanitários, bem como na instalação das culturas de primavera-verão (milho, tomate para indústria e arroz).

No caso concreto das fruteiras, as temperaturas muito irregulares ao longo do mês e mesmo no próprio dia, bem como o elevado teor de água dos solos, em nada favoreceram o desenvolvimento vegetativo das diversas espécies.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações.

Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas culturas cerealíferas de outono-inverno, devido ao excesso de humidade no solo e à subida das temperaturas, continuou a verificar-se o desenvolvimento de fungos em algumas searas de trigo, aveia e cevada, principalmente nas localizadas em zonas mais baixas onde os terrenos se encontravam mais encharcados. As condições do tempo e do terreno dificultaram a circulação de máquinas e por vezes não foi possível fazer os tratamentos necessários oportunamente. As searas em que foram realizados tratamentos com fungicidas estavam a reagir bem. Os tratamentos com herbicidas efetuados nos meses anteriores revelaram-se eficazes e as searas apresentavam-se limpas de infestantes. No entanto, os produtores receiam o surgimento de novas infestantes devido à chuva, que poderão vir a causar problemas na qualidade final do cereal, uma vez que até à colheita não serão realizados mais tratamentos com herbicidas e as novas infestantes que eventualmente possam surgir, estarão numa fase do seu ciclo vegetativo ainda com muita matéria verde e poderão manchar o grão na colheita, afetando a qualidade. Já foi identificada alguma presença de javalis nas searas, embora ainda não tenham sido relatados estragos.

Na vinha para vinho, ao nível das doenças registou-se a presença de escoriose nas folhas e no lenho. Também se registou podridão cinzenta, essencialmente nas folhas e a presença das primeiras manchas de míldio, embora com uma incidência baixa e principalmente em lançamentos ladrões. Devido às condições de humidade elevada e temperaturas amenas, favoráveis ao desenvolvimento do míldio e do oídio, foram efetuados tratamentos com ação preventiva e curativa, cuja oportunidade foi condicionada pela precipitação e pelas condições de mobilidade nos terrenos. Em termos de pragas foi observada a presença de caracóis, principalmente nas zonas mais húmidas. Registaram-se alguns ataques pontuais de ácaros, com o aparecimento em alguns casos de erinose e ácaros brancos nos troncos, em particular na casta Moscatel e na Fernão Pires. Nas vinhas para uva de mesa, registou-se alguma presença de míldio, embora não muito preocupante. A chuva constante impediu a realização de tratamentos fitossanitários dentro dos intervalos necessários. Também se observou muita presença de caracóis, que produziram alguns estragos, especialmente em videiras novas.

Nas pomóideas, designadamente nos pomares de pereiras, em termos de pragas, houve deteção de bichado em algumas armadilhas. Foi ainda identificado o surgimento esporádico de erinose (ácaro) e cecidómia (espécie de mosquito) e ainda a presença de picabrotos (pássaros). Nos pomares de macieiras foi identificada a presença esporádica de antónomos (*Anthonomus pomarum*) e pedrolho (*Polydrusus* spp.).

Em termos de doenças, no final do mês já eram visíveis alguns sintomas de fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*), embora pouco significativos, principalmente nos pomares de pereiras. A doença encontra-se presente de forma generalizada, especialmente em pomares mais novos, o que poderá tornar o ano problemático. Nos locais com focos mais avançados já tinha sido iniciada a limpeza dos pomares, sobretudo na remoção dos corimbos. A oportunidade de realização dos tratamentos nem sempre foi conseguida devido à precipitação e à dificuldade de circulação das máquinas nos pomares. No entanto no final do mês os tratamentos tinham-se revelado eficazes. Nas prunoídeas, apenas foi assinalada a presença de alguns afídeos, tendo os ataques sido esporádicos e de baixa intensidade. Foi também identificada alguma presença de *Anarsia* spp., inseto da família das traças. Na cultura da batata mantiveram-se as condições de elevada pressão de míldio. Algumas culturas apresentavam mesmo irreversibilidade na recuperação devido à acentuada perda de área foliar, associado ao fraco desenvolvimento radicular.

Nas hortícolas em estufa ocorreram focos de míldio nas culturas de tomate e de pepino, de oídio na cultura de courgette e de podridão cinzenta no feijão-verde. A intensidade dos ataques foi baixa e os tratamentos revelaram-se eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nos cereais praganosos de outono-inverno, as doenças fúngicas verificaram-se com alguma persistência ao longo do mês. Foram realizados alguns tratamentos, tardiamente às alturas recomendadas, constatando-se uma eficácia relativa desses tratamentos e no final do mês a presença destas doenças ainda era notada, em especial de oídio, de helmintosporiose e de ferrugem.

Nas vinhas surgiram ao longo do mês focos de míldio de forma pontual, tendo sido efetuados tratamentos, estando a doença controlada no final do mês.

Nas nogueiras, verificou-se principalmente o surgimento da doença antracnose, com oportunidade de tratamento no final do mês.

Nos pessegueiros verificaram-se focos de lepra com forte intensidade. A frequência de precipitação na região não favoreceu a oportunidade de tratamento em tempo útil, verificando-se as folhas muito afetadas.

Nas figueiras surgiram ataques de cochonilha, com intensidade média, acima do normal para a época.

Nos limoeiros, verificou-se a persistência da doença de míldio, que afetou com algum significado a produção.

Nos olivais não se verificaram problemas fitossanitários.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nos citrinos, nomeadamente nos pomares de laranjeiras, as condições meteorológicas não permitiram efetuar tratamentos fitossanitários com fungicida antes da floração (míldio e antracnose) tendo os fungos surgido nalgumas árvores mais debilitadas.

Na vinha, devido às condições climatéricas adversas, houve dificuldade na realização atempada dos tratamentos fitossanitários contra o míldio, no entanto não houve grande disseminação da doença.

Grande Lisboa

Houve registo de infestantes e de fungos nas searas de culturas forrageiras e de cereais de outono-inverno, situação que não esteve fácil de combater devido à dificuldade de entrada de máquinas agrícolas nos terrenos encharcados para a devida aplicação de herbicidas e fungicidas, cuja eficácia ficou comprometida pela persistente pluviosidade.

Nas vinhas houve necessidade de realização de tratamentos para infeções primárias de míldio que começaram a surgir, assim como tratamentos preventivos para o oídio, tratamentos esses que ficaram comprometidos nalguns terrenos muito encharcados, de difícil acesso a máquinas e tratores. À semelhança do mês anterior, nalgumas vinhas verificaram-se ataques de caracóis, para os quais foram colocados iscos atrativos na base das cepas.

Nas pomóideas registou-se, apesar de esporádico e de fraca intensidade, o aparecimento de pragas tais como antónomos (*Anthonomus pomarum*), cecidomia (*Cecidomyia* spp.) e pedrolho (*Polydrusus* spp.). Começaram a surgir também os primeiros focos de fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*), em especial em pomares que não foram limpos ao longo do inverno. Devido à chuva que se fez sentir durante o mês e à dificuldade em entrar nos terrenos, nem sempre foi conseguida a oportunidade para aplicação dos devidos tratamentos fitossanitários. Não obstante, espera-se garantida a eficácia dos tratamentos anteriormente realizados.

Nos pomares de limoeiros, apesar de terem sido efetuados os devidos tratamentos preventivos até fevereiro, houve registo de danos provocados por antracnose, alternariose e septoriose, observando-se frutos não comercializáveis em grande quantidade e folhas afetadas por estes fungos. Relativamente à traça do limoeiro, durante o mês ainda não foi muito evidente a sua atividade, temendo-se um aumento para maio devido às elevadas temperaturas que se fizeram sentir nos últimos dias.

Península de Setúbal

Na vinha surgiram alguns focos de míldio, que eram expectáveis tendo em conta as condições climatéricas verificadas desde o início do ano. Nalgumas regiões foi sobretudo a casta Fernão Pires que foi afetada, com alguma dificuldade de controlo das infeções devido à limitação na aplicação dos tratamentos fitossanitários, frequentemente interrompida e, portanto, efetuada de forma intermitente.

Na cultura da batata, a continuação das condições de precipitação, com elevados teores de água no solo propiciaram o aumento da incidência de míldio, com consequentes decréscimos expectáveis na produção.

Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste** as pastagens (de sequeiro e em geral espontâneas), apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo e uma boa disponibilidade de matéria verde para as espécies pecuárias em pastoreio, normalmente pequenos ruminantes. Nas culturas forrageiras anuais destinadas a silagem e fenossilagem para as espécies pecuárias estabuladas, houve dificuldade na realização dos primeiros cortes, os quais decorreram principalmente na última semana do mês e foram interrompidos devido à precipitação que ocorreu no dia 30. As colheitas encontravam-se com cerca de um mês a mês e meio de atraso, dando-se por certa a perda de um corte de forragem. Apesar do reduzido aprovisionamento de alimentação conservada, realizado até ao final do mês, houve disponibilidade de recursos para alimentação dos animais devido à boa quantidade de silagem e fenossilagem armazenadas no ano passado. A forragem colhida apresentava perda de qualidade nutritiva por já ter espigado, situação que poderá ter de ser compensada com formulações de ração mais proteicas, que se tornam mais caras aumentando os custos de produção. No Alto Oeste a intensa precipitação que foi acompanhada de granizo no dia 30, provocou acama das forragens, situação que poderá provocar podridão e perda de qualidade, além de tornar a colheita mais difícil.

No Baixo Oeste a situação não foi tão difícil, por não terem ocorrido fenómenos de precipitação tão intensa, embora as colheitas também se encontrassem muito atrasadas e com as forragens a passarem do ponto ótimo de colheita. No final do mês já se perspetivava um ano menos bom para a produção de forragens e um menor aprovisionamento de alimentos conservados.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro e os prados de regadio encontravam-se em bom estado e com bom desenvolvimento vegetativo.

As forragens anuais, em especial o azevém, encontrava-se com um bom desenvolvimento vegetativo após o primeiro corte para forragem em verde. Na região, a cultura de luzerna estava atrasada, não tendo havido oportunidade para se realizar o primeiro corte e avaliação da qualidade forrageira da cultura.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, as pastagens encontravam-se com um excelente desenvolvimento devido à pluviosidade que se fez sentir durante o mês. As perspetivas são muito boas para a colheita de fenos que se aproxima.

Na **Grande Lisboa**, devido às temperaturas elevadas e precipitação, os prados e as pastagens tiveram uma boa regeneração. Nas culturas forrageiras, em geral, denotava-se menos qualidade, pois as plantas já se encontravam "velhas", a fechar o seu ciclo, com menor teor de proteína e mais fibra. No presente mês seria suposto realizar-se o segundo corte, no entanto na maioria dos terrenos ainda não se conseguiu fazer sequer o primeiro, devido ao encharcamento dos terrenos, fator impeditivo à entrada de máquinas agrícolas. Também devido à precipitação ocorrida, estima-se que não se consigam obter fenos na quantidade esperada, mas sim maior quantidade de fenossilagem e silagem pois a matéria mantém-se verde. Nas searas de azevém, tal como referido no mês anterior, registaram-se algumas situações de folhas amareladas derivadas do excesso de humidade radicular. A adubação realizada em março nas zonas mais altas e drenadas, onde o azevém estava mais atrasado, teve um efeito positivo no seu crescimento. O tempo quente influenciou positivamente o desenvolvimento vegetativo do azevém, sendo possível o corte numa área reduzida. Porém, na maioria da área semeada tal facto não foi possível devido à impossibilidade de entrada de máquinas agrícolas no terreno. Nesta cultura apenas se prevê a realização de um corte, ao contrário do esperado que seriam dois a três cortes. Estima-se uma redução da qualidade e quantidade das culturas forrageiras para o corrente ano agrícola e prevê-se que se se conseguir o seu corte em maio, apenas para finais de junho estará disponível como fenossilagem. As infestantes que resistiram aos tratamentos anteriores foram maioritariamente as de forte sistema radicular, tal como alabaça e malva. A aveia está, na sua maioria, afetada por ferrugem, prevendo-se o seu corte para feno em maio. Em abril já foi possível a entrada dos animais nos terrenos, apesar de ainda muito encharcados, permitindo o pastoreio das diversas espécies pecuárias. Não obstante, ainda houve necessidade em recorrer a alimentação suplementar sobretudo com feno, palha e ração.

Na **Península de Setúbal** os prados, as pastagens e as culturas forrageiras encontravam-se no final do mês com desenvolvimento vegetativo muito vigoroso e abundante. Nas pastagens pastoreadas era já notória nova rebentação da vegetação. A aveia ainda não estava espigada, encontrando-se na fase de grão leitoso.

Na região os cortes para feno e fenossilagem estavam muito atrasados. Praticamente ainda não tinham sido efetuados cortes, situação que se verificava principalmente nos solos mais pesados, devido à dificuldade de as máquinas entrarem e transitarem nos terrenos que se encontravam encharcados.

A alimentação animal foi efetuada essencialmente recorrendo a pastoreio direto, com alguma suplementação à base de fenos, de modo a contribuir para o aumento da ingestão do teor de celulose.

Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal

No **Oeste**, o desenvolvimento vegetativo do trigo, aveia e cevada foi mais lento nas searas instaladas em terrenos mais encharcados e houve alguma perda de produção devido ao excesso de água no solo, que em situações mais extremas causou asfixia radicular levando ao amarelecimento e morte de plantas. As searas instaladas em terrenos com melhor drenagem apresentavam maior vigor. A subida das temperaturas e a ausência de precipitação durante alguns dias no final do mês, aceleraram o desenvolvimento das searas permitindo alguma recuperação do ciclo vegetativo, pelo que a maior parte apresentava um desenvolvimento normal para a época, embora as plantas evidenciassem vigor e porte ligeiramente inferiores ao normal. Nas searas de trigo mais adiantadas a formação de espiga verificou-se em março e nas mais atrasadas a meio de abril. As searas de aveia foram bastante afetadas com fungos, que provocaram algum atraso no desenvolvimento vegetativo da cultura. No entanto, reagiram favoravelmente aos tratamentos fitossanitários e encontravam-se em recuperação. As searas de cevada mais adiantadas iniciaram o espigamento e as mais atrasadas encontravam-se com cerca de 40cm de altura.

No **Médio Tejo**, as searas de cereais praganosos de outono-inverno, no final do mês no geral encontravam-se com um desenvolvimento medianamente regular. As searas de trigo mole e aveia (semeadas em novembro), encontravam-se nas fases de vingamento/enchimento do grão. No que respeita à cevada (dística), verificavam-se searas entre a fase do espigamento até à fase de grão leitoso, nas searas mais avançadas.

No que respeita à produtividade das culturas cerealíferas de outono-inverno face às condições climatéricas ocorridas nestes últimos meses na região e consequentes problemas fitossanitários (fungos) que afetaram o potencial produtivo das culturas é estimada uma menor produtividade comparativamente ao ano anterior. Ocorreram perdas da cultura por asfixia radicular em parte das searas localizadas em solos cujos níveis de encharcamento se mantiveram elevados no decurso deste mês.

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, a manutenção das condições climatéricas adversas, em especial a precipitação permanente, causou danos na produção estimada e na qualidade do grão. Prevê-se uma menor produção de trigo mole e de cevada.

Na **Grande Lisboa**, as culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal foram afetadas negativamente pelo tempo muito chuvoso e quente, o que favoreceu a proliferação de fungos, oídio e ferrugem. Relativamente à cevada, estima-se uma perda de produção na presente campanha na ordem de 70%, pois grande parte das searas "morreram" devido ao excesso de água. No que concerne à produtividade, prevê-se uma quebra em relação à campanha anterior. Quanto ao trigo, estima-se a sua ceifa para junho e, de um modo geral, perspetivam-se produtividades semelhantes ou superiores à da campanha anterior, mas com qualidade inferior. Os fungicidas aplicados no mês anterior para a ferrugem tiveram resultados positivos, assim como a adubação nos terrenos mais drenados. No entanto, em algumas searas houve ainda a necessidade de aplicar tratamentos antifúngicos para a septoriose, bem como fazer adubações. Estas operações foram realizadas sobretudo com recurso a *drones* e a tratores pequenos, de rodas mais leves, pois os terrenos ainda se encontravam muito encharcados.

Na **Península de Setúbal**, a área semeada de culturas cerealíferas é reduzida. As culturas existentes encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo e sem problemas fitossanitários, na generalidade na fase de espigamento, prevendo-se a colheita em julho.

Culturas arbóreas e arbustivas: nomeadamente vinhas, pomares e olivais: estado vegetativo e produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinha

No Oeste, a maior parte das vinhas para vinho situavam-se entre o estado fenológico G - Cachos Separados e H - Botões Florais Separados, desenvolvimento considerado compatível com o esperado para a época. No entanto, algumas vinhas apresentavam um desenvolvimento mais atrasado, encontrando-se no estado fenológico E - Folhas Livres e F - Cachos Visíveis. Nas castas brancas, a Seara Nova e a Fernão Pires apresentavam maior evolução fenológica e nas castas tintas, a Caladoc. O ano de 2025 poderá vir a ser bastante produtivo atendendo ao elevado número de possíveis cachos, que as videiras apresentavam. No entanto, é ainda muito cedo para estimar a quantidade e a qualidade da próxima colheita, uma vez que as condições climatéricas na fase da floração e vigamento serão determinantes para ter uma perceção do ano vitícola. Na vinha para uva de mesa as variedades mais avançadas como a uva branca sem grainha, encontravam-se no estado fenológico H - Botões Florais Separados. A vinha apresentava um estado vegetativo normal para a época estimando-se uma quantidade e qualidade de produção dentro do expectável para uma boa colheita.

No Médio Tejo, as vinhas para vinho encontravam-se no estado fenológico F - Cachos Visíveis. A cultura na região encontrava-se atrasada cerca de duas semanas face a um ano de referência, com os primeiros cachos visíveis em desenvolvimento. As vinhas para uva de mesa, encontravam-se com um desenvolvimento vegetativo regular, na generalidade no estado fenológico G - Cachos separados e as vinhas mais adiantadas verificavam-se a iniciar a floração.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as castas encontravam-se no estado fenológico H - Botões Florais Separados. Perspetiva-se boa produção quer em qualidade quer em quantidade.

Na Grande Lisboa as castas de ciclo longo (Ramisco, Malvasia de Colares, Castelão) encontravam-se no estado fenológico F – Cachos Visíveis, enquanto as castas mais precoces (Fernão Pires, Chardonnay) já estavam no estado fenológico H – Botões Florais Separados. É esperada a floração para meados de maio. Na vinha para uva de mesa, o aspeto geral das videiras era razoável, prevendo-se uma boa produção em termos qualitativos e quantitativos, embora ainda não contabilizáveis por ser prematuro fazê-lo. As castas mais avançadas como a Red Globe, Cardinal e Crimson apresentavam-se no início do estado fenológico I – Floração, ou melhor, em prefloração. As castas de ciclo mais longo, como Dona Maria e Vitória, estavam no estado fenológico H – Botões Florais Separados.

Na Península de Setúbal as vinhas encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo, com muita rebentação. Relativamente ao estado fenológico, as castas mais adiantadas encontravam-se em prefloração ou já em floração, as mais tardias apenas em meados ou no final de maio deverão entrar nessa fase. Concretamente e em geral para a região, a casta Fernão Pires encontrava-se na fase H - Botões Florais Separados, bastante avançada e nalgumas zonas já na fase I - Floração. A casta Castelão, na fase H - Botões Florais Separados. A casta Moscatel entre as fases G - Cachos Separados e H - Botões Florais Separados. Em geral e relativamente à campanha anterior, verificava-se um atraso no desenvolvimento em cerca de dez dias. Relativamente à produção, a mostra de cachos parece ser razoável, mas ainda é muito cedo para estimar.

Pomóideas

No Oeste, as condições climatéricas influenciaram negativamente o abrolhamento das pereiras e das macieiras provocando um atraso de cerca de vinte dias na floração. No final do mês os pomares de pera Rocha encontravam-se entre o estado fenológico F2 - Floração, em total floração e G - Queda das Pétalas.

Os pomares de macieiras encontravam-se entre o estado fenológico E- Botão Branco e F - Floração, com as variedades Gala e Reineta mais adiantadas e a Fugi mais atrasada. Ainda é prematuro para estimar a quantidade e qualidade da produção. Ao nível da pera Rocha, a floração foi abundante, com flores de boa e má qualidade. Os primeiros vingamentos foram positivos, embora em alguns casos se tenha registado aborto floral. A previsão de produção ainda é incerta. Apesar de se observar um aumento geral nos vingamentos e sinais de maior produtividade, importa lembrar que no ano passado, muitos vingamentos não se traduziram em alta produção. A produção continua indefinida, e será necessário acompanhar de perto a evolução ao longo das próximas semanas. A ocorrência de granizo em alguns locais, designadamente nos concelhos de Torres Vedras, Cadaval, Bombarral e Caldas da Rainha, provocou estragos com algum significado em pomares de pera e de maçã, com perda de produção. Nos pomares atingidos, os que se encontravam em floração, as flores afetadas perderam normalmente a capacidade de vingar. Nos pomares com frutos recém vingados, o granizo inviabilizará a sua comercialização.

Na Grande Lisboa, na generalidade as pereiras ainda não tinham o vingamento dos frutos completamente definido, pelo que não foi possível estimar a sua produtividade. Relativamente às macieiras, os pomares mais atrasados estavam em início de floração e, os mais adiantados, em plena floração, pelo que nesta altura ainda não há previsão de produção.

Na Península de Setúbal, no final do mês as pereiras encontravam-se na fase final da floração e algumas já com fruto vingado, no crescimento do fruto. Em meados de maio será possível perspetivar sobre a produção, situação que nesta fase não se revela pessimista. As macieiras estavam na fase final da floração e ainda com poucos frutos vingados, o que representa cerca de cinco a sete semanas de atraso no desenvolvimento relativamente à campanha anterior.

Prunoídeas

No Oeste, os pomares de ameixeiras situavam-se no estado fenológico J - Frutos em Crescimento. Em termos de produção, estima-se um ano normal. Alguns pomares de ameixeiras situados nos concelhos de Torres Vedras, Cadaval, Bombarral e Caldas da Rainha também foram afetados pela queda de granizo, provocando perda de produção.

Na Península de Setúbal, as ameixeiras encontravam-se no final do mês na fase de crescimento do fruto. Devido às condições climatéricas ocorridas na fase de floração, estima-se uma perda muito elevada na produção.

Figueiral

No Médio Tejo, as variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine, encontravam-se no final do mês com os figos lampos em desenvolvimento. Nestas variedades verificou-se uma queda acentuada de figos devido à precipitação e às noites frias que ocorreram em meados do mês, pelo que nesta fase é estimada uma menor produção. Em relação à variedade Pingo de Mel, que produz figos vindimos, verificou-se um ligeiro atraso no abrolhamento, sem frutos ainda visíveis.

Na Grande Lisboa, a atividade vegetativa das cultivares decorreu dentro da normalidade, com figos visíveis em desenvolvimento.

Amendoal

Na Península de Setúbal o amendoal encontrava-se com o fruto em crescimento. Conforme já referido no mês anterior, a precipitação e o vento ocorrido durante a floração levaram a muita queda de flor e consequentemente a uma elevada quebra relativamente à amostra aquando da floração. Apesar destas quebras, espera-se que a produção seja superior à da campanha anterior (também ela muito afetada pelas condições climatéricas então verificadas).

Citrinos

No Médio Tejo os pomares de limão encontravam-se com a colheita concluída. Em simultâneo, verificava-se uma nova floração, com menor expressão comparativamente a período igual do ano anterior.

A produção da presente colheita é muito menor (contrassafra) do que a do ano anterior, prevendo-se nesta fase uma quebra de produção. Denotou-se uma grande perda de produção por queda de frutos e pouca qualidade, casca muito danificada (refugo) pelo efeito das chuvas frequentes e intensas e vento mais forte, assim como pelas doenças fúngicas (principalmente o míldio) que afetaram a produção.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a maioria das árvores encontrava-se em plena floração, já na fase de vingamento. A floração foi muito boa, mas as chuvas e frio dos últimos dias provocaram uma queda de flores e impediram a polinização em boas condições. As árvores estavam um pouco amareladas devido ao excesso de chuva, em especial nas covas onde a drenagem é mais deficiente. As perspetivas de produção para o ano em curso não são muito boas. Contudo, só em maio será possível estimar o evoluir da próxima campanha.

Na Grande Lisboa, o desenvolvimento dos limoeiros foi favorecido pelas condições climatéricas, apesar dos problemas fitossanitários acima referidos, encontrando-se no estado fenológico J - Crescimento de Frutos.

Na Península de Setúbal realizou-se a colheita nos pomares de limoeiros, com produção idêntica à da campanha anterior. No final do mês os limoeiros encontravam-se com flor e com pequenos frutos vingados.

Olival

No Médio Tejo, os olivais tradicionais e os intensivos encontravam-se em bom estado vegetativo e com um desenvolvimento regular, na fase de floração. No geral, verificava-se uma boa floração, sendo, no entanto, ainda cedo para avançar uma estimativa em termos quantitativos e qualitativos da produção.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia os olivais encontravam-se em plena floração e alguns já na fase de vingamento. Apresentavam uma boa quantidade de flores/árvore.

Sementeiras de primavera: como decorreram; como germinaram: variações de áreas semeadas ou plantadas relativamente ao não anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado

Milho

No Oeste a cultura do milho estava atrasada. Embora já houvesse alguns terrenos preparados, as sementeiras ainda não tinham sido realizadas no final do mês. Estima-se que possa haver alguma redução de área relativamente ao ano anterior, no milho de sequeiro e de regadio, com alguns produtores a optarem por culturas alternativas, potencialmente mais rentáveis em termos económicos.

No Médio Tejo as sementeiras de milho encontravam-se muito atrasadas, estimando-se no final do mês estarem semeadas entre 5% a 8% das áreas previstas. As primeiras sementeiras iniciaram-se na última semana de abril com a melhoria das condições climatéricas, mas foram de imediato interrompidas no dia 30 pela precipitação ocorrida com alguma intensidade.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia as sementeiras de milho ainda não se iniciaram devido aos solos se encontrarem encharcados pela ocorrência de precipitação nos últimos dois meses.

Na Grande Lisboa ainda não foi possível a sementeira, devido ao excesso de água no solo, fator impeditivo à entrada de máquinas agrícolas e, consequentemente, à preparação dos terrenos.

Na Península de Setúbal as sementeiras de milho grão, habitualmente iniciadas durante o mês de abril, não foram praticamente efetuadas até ao final deste mês, uma vez que as condições climatéricas verificadas impossibilitaram a realização das operações necessárias, nomeadamente na preparação dos terrenos para a instalação da cultura.

Devido a este atraso na sementeira é mais viável a opção por variedades de ciclo mais curto. Perspetiva-se que as sementeiras sejam iniciadas até meados de maio.

Tomate para indústria

No Oeste, a instalação da cultura encontrava-se atrasada. Normalmente, no final do mês de abril encontram-se realizadas cerca de 50% das plantações. No entanto, devido ao excesso de água no solo, provocado pela precipitação de março e abril, este ano as plantações foram iniciadas nos últimos dias do mês. Prevê-se uma diminuição de área da cultura relativamente ao ano anterior, devido à intenção da indústria em reduzir o volume de produção de concentrado de tomate perante o aumento de *stock* da campanha anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia foram iniciadas algumas plantações no início do mês que acabaram por ser interrompidas devido à presença de chuva e só retomadas na terceira semana.

Na Grande Lisboa apenas se conseguiu plantar no final do mês cerca de 15% da área total, devido ao encharcamento ainda muito patente dos solos. Grande parte dos produtores (cerca de 65%) adquiriram e mantêm as plantas de viveiro há cerca de um mês nas suas explorações agrícolas, a aguardar a oportunidade de plantação, plantas essas que já estavam envelhecidas no final de abril. Na presente campanha perspetiva-se uma diminuição de área plantada, pois há cortes nas quotas estipuladas pela indústria devido à forte oferta por parte de outros países, sobretudo da China. Este facto, associado à previsão de um preço mais baixo a pagar pela indústria aos agricultores e, ainda, ao aumento dos custos de produção, delineia um cenário muito frágil economicamente para a fileira.

Na Península de Setúbal habitualmente a plantação é iniciada em abril, cerca de 45% da área realizada até ao final do mês e a restante em maio, no entanto nesta campanha a área plantada até final do mês foi muito reduzida, com apenas cerca de 10% a 12% da área plantada. Este atraso é problemático, as plantas permanecem em viveiro até ao momento oportuno para a plantação, situação que pode levar a perda do seu potencial produtivo.

Arroz

No Oeste, a instalação da cultura encontrava-se atrasada. A sementeira, que normalmente ocorre a meio de abril, no final do mês ainda não tinha sido iniciada devido ao excesso de água no solo, a preparação do terreno estava por realizar. Apesar do atraso na instalação da cultura, estima-se que a área seja semelhante à do ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia ainda não existe arroz semeado pois a precipitação não permitiu a preparação de solos para as sementeiras.

Na Grande Lisboa ainda não se iniciou a sementeira do arroz, por não ser possível a entrada de máquinas agrícolas nos terrenos devido ao encharcamento que persistiu ao longo do mês.

Na Península de Setúbal até ao final do mês os terrenos estavam ainda muito alagados, sem possibilidade de entrada das máquinas para efetuar a preparação dos canteiros, pelo que as sementeiras estavam muito atrasadas, prevendo-se que apenas a partir de meados a finais de maio seja possível iniciar as sementeiras do arroz.

Feijão

No Oeste a cultura do feijão estava atrasada. No final do mês a maior parte das sementeiras não tinham sido ainda realizadas.

A preparação dos terrenos nas condições de humidade em que ainda se encontravam é prejudicial à emergência das plantas devido ao risco de compactação, pelo que os produtores aguardavam ainda pela secagem das terras. É ainda prematuro estimar a variação de área semeada relativamente ao ano anterior.

No Médio Tejo as sementeiras encontravam-se muito atrasadas e condicionadas pelas condições climatéricas desfavoráveis, os terrenos encontravam-se preparados e as sementes adquiridas, aguardando a melhoria do tempo para a instalação da cultura.

Grão de Bico

No Oeste a cultura do grão de bico estava atrasada. As sementeiras foram iniciadas na última semana do mês e tiveram de ser interrompidas devido à precipitação que ocorreu no dia 30. Algumas áreas poderão não vir a ser instaladas por falta de oportunidade, uma vez que a prioridade dos produtores será a instalação de outras culturas de primavera que consideram mais importantes e que também se encontram atrasadas, nomeadamente o milho e o tomate para indústria. Ainda é prematuro estimar uma variação da área de produção relativamente ao ano anterior, pois a sementeira ainda não foi concluída e as decisões dos produtores serão influenciadas pelas condições meteorológicas do mês de maio.

No Médio Tejo as sementeiras encontravam-se muito atrasadas e condicionadas pelas condições climatéricas desfavoráveis desde o início do ano. Ainda não foi possível obter informação sobre a estimativa de áreas semeadas relativamente ao ano anterior, embora se preveja que seja inferior face à dificuldade dos produtores na instalação da cultura.

Girassol

No Oeste a instalação da cultura estava atrasada. No final do mês ainda se aguardava por uma diminuição da humidade no solo para níveis adequados à circulação de máquinas agrícolas. Estima-se que possa haver um aumento de área relativamente ao ano anterior pela opção de realização da cultura em substituição do milho de regadio.

8 de maio de 2025

DADOS METEOROLÓGICOS

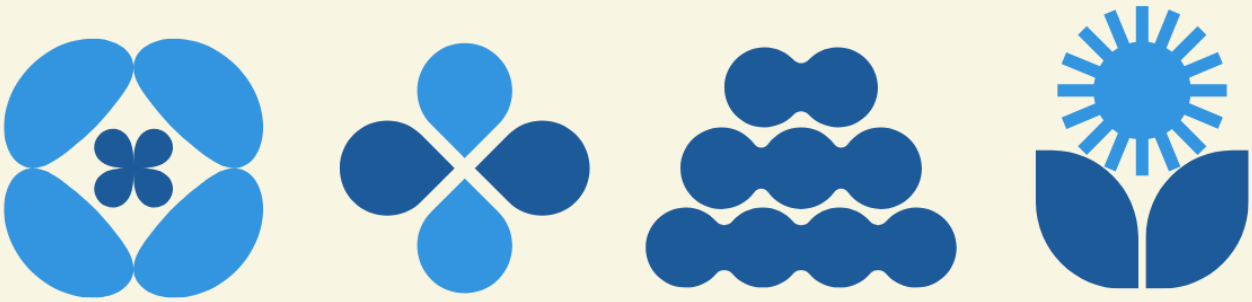
	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Gago Coutinho	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (ºC)	28,5 a)	26,2	27,5	27,0	28,4	28,8 b)	29,0	29,7	29,6	29,2
Dia	9	9	28	24 e 28	27	24	24	24	24	24
Valor médio da temperatura máxima (ºC)	20,3 a)	18,2	20,3	20,5	21,5	21,5 b)	21,8	22,0	21,6	22,0
Temperatura máxima normal para a época (ºC)	19,2	–	–	19,3	20,5	20,0	20,6	21,4	–	21,4
Temperatura mínima (ºC)	6,3	8,0	7,7	8,8	5,3	5,5 c)	6,7	4,4	4,4	4,3
Dia	7	7	16	15	16	16	16	16	16	16
Valor médio da temperatura mínima (ºC)	10,4	10,6	10,7	12,4	10,5	10,3 c)	11,0	9,9	9,6	9,1
Temperatura mínima normal para a época (ºC)	8,1	–	–	11,4	9,1	8,5	9,8	8,0	–	7
Temperatura média normal para a época (ºC)	13,7	–	–	15,4	14,8	14,3	15,2	14,7	–	14,2
Horas de frio	– g)	– g)	– g)	–	– g)	– g)	– g)	– g)	– g)	– g)
Rajada máxima de vento (Km/h)	55,4 a)	61,6	67,3	57,6	57,2	58,7 b)	60,1	65,9	59	54,7
Dia	4	15	2 e 15	4	19	19	4	4	3	4
Número de dias com precipitação	18 a)	–	18	17	16	21 d)	18	19	21	17 f)
Precipitação acumulada no mês (mm)	128,1 a)	–	98	125,4	109,6	54,9 d)	84,2	76,5	139,1	116 f)
Precipitação normal para a época (mm)	80,7	–	–	63,4	66,7	59,7	58,8	52,6	–	62,4
Precipitação diária máxima no mês (mm)	26,9	–	17,2	26,4	29,9	13,2 d)	20,3	14,5	23,1	26,0
Dia	4	–	4	4 e 11	12	12	4	4	20	30
Humidade relativa média diária mínima (%)	63 a)	67	70	55	64	70 b)	52	–e)	60	61
Humidade relativa média diária máxima (%)	86 a)	92	96	89	92	99 b)	91	–e)	93	98
Humidade relativa média (%) do mês	77 a)	82	83	74	79	89 b)	78	–e)	81	82

Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1981-2010 da respetiva estação, com exceção da estação de Pegões, cujos valores das Normais Climatológicas são os de 1971-2000.

a) Falha de dados no dia 28.
b) Falha de dados nos dias 28, 29 e 30
c) Falha de dados nos dias 29 e 30.
d) Falha de dados nos dias 5, 6, 7, 28, 29 e 30.
e) Falha de dados entre os dias 23 a 30.
f) Falha de dados no dia 1.
g) Número de horas de frio: com a apresentação da informação sobre o número de horas de frio acumuladas na nova Plataforma Agroclimática do IPMA (https://agroclima.ipma.pt/clievo) a partir do início do mês de abril, concluiu-se que a informação disponível não permite dar continuidade a estes dados nos mesmos termos da recolha feita nos meses anteriores, pelo que se optou por não apresentar informação neste mês.

– Sem dados



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, Nº37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT